

# Livros

## Aprender a viajar

Por causa de uma profecia, Tiziano Terzani reinventou-se a viajar. Escreveu para contar a experiência e esse livro, *Disse-me um Adivinho*, mudou a percepção de Rui Lagartinho sobre a utilidade da literatura de viagens.



★★★★★

**Disse-me um Adivinho**  
Tiziano Terzani  
Tinta da China, 21,90€

*Disse-me um Adivinho*, lido avidamente por Carlos Vaz Marques, fez nascer na cabeça do jornalista a excelente coleção de literatura de viagens da editora Tinta-da-China. Ao longo de 2009 os primeiros seis títulos deram

muito que falar, agora chegou às livrarias a matriz.

Tiziano Terzani foi um dos melhores jornalistas italianos da segunda metade do século XX. Correspondente asiático da revista alemã *Der Spiegel* a partir de 1971, resistiu em Saigão durante mais de 30 anos e até ao último minuto durante a guerra do Vietname, o que permitiu ao mundo ver através dos seus relatos a entrada dos comunistas em Saigão, em 1975.

Em 1976, este andarilho do Extremo Oriente tropeça em Hong Kong na profecia de um adivinho chinês: "Cuidado! No ano de 1993 corres um grande risco de morrer. Nesse ano, não andes de avião. Não andes nunca."

Dezasseis anos é muito tempo, mas é para isso que temos memória. Por isso o racional Tiziano condescende e num rigor próprio de um bom jornalista fica mesmo sem voar até ao ano novo chinês. O resultado é o genial *Disse-me um Adivinho*, traduzido para português com esmero por Margarida Periquito.

Do Laos à Birmânia, do Camboja a Singapura, na Tailândia, na Malásia, na China, na Mongólia, devagar, às vezes muito devagar, de comboio, de barco, da forma possível, Terzani dá-nos um retrato

de uma parte do mundo sobre a qual nos baralhamos desde que o mundo insiste em ser global. Tiziano – que já desconfiava que não gostava do ar do tempo que se respirava nesses países, "uma ânsia de autodestruição" – confirma-o denunciando todo o tipo de hipocrisias: "Antigamente, as potências coloniais mandavam os missionários fazer o reconhecimento dos territórios que

**Em 1976, Terzani tropeçou na profecia de um adivinho chinês que lhe disse que corria risco de vida**

tencionavam conquistar. Hoje os novos colonialistas da Ásia, homens de negócios sem bandeiras e com vários passaportes, mandam à frente os turistas."

Durante esse ano, Tiziano volta a lugares onde fora feliz, a outros onde correrá riscos de vida, fala com milhares de pessoas olhos nos olhos, voraz, como se viajasse por aquelas terras com a inocência da primeira vez. Apaixonamo-nos por este livro quando percebemos finalmente o que é um viajante.

No seu relato, Tiziano nunca deixa de ser um jornalista rigoroso, atento, culto, e isso é outro dos trunfos de *Disse-me um Adivinho*. Porque por aqui, cada pedra ainda molda a história, cada paisagem transformada corresponde a um episódio recente da história política, em cada recanto ainda virgem sente-se a angústia dos dias contados. Sentiu-o o jornalista quando publicou o livro há 15 anos, "quanto tempo poderá ainda durar um mundo assim, regido exclusivamente pelos critérios incultos, desumanos e imorais da economia", e 15 anos depois sentimo-lo nós com imensa vergonha de fazer a mesma pergunta. Tiziano Terzani entretanto morreu, há cinco anos, vítima de cancro. Ironia: ninguém o previu.

Por isso fez bem o jornalista em divertir-se e muito com a profusão de xamãs, bruxos, monges, feiticeiros e adivinhos, homens, mulheres, uns mais místicos, outros simples charlatães, que vai consultando nas suas andanças e que são, juntos, uma caricatura, uma amostra da espiritualidade possível daquelas paragens.

Se no ano de 2010 decidir viajar a sério, sem sair do sofá, só precisa deste livro.



**DISSE-ME****UM ADIVINHO**

Tiziano

Terzani

Tinta da China,

2009, trad.

de Margarida

Periquito. 600

págs., €21,90

**VIAGEM** Relato de um ano

a percorrer o Extremo Oriente por

terra, assinado por um dos mais

reputados repórteres italianos.



ESTE livro é uma pequena pérola. Não porque seja portátil — chega às 600 páginas —, mas porque nos introduz a um Oriente expurgado de exotismo e misticismos de trazer por casa. Aliás, se há coisa que “Disse-me Um Adivinho” prova à exaustão é o materialismo que subjaz à cultura chinesa (pragmática, tanto nos negócios como na acupuntura). A China, apesar da sua presença recorrente, não é, porém, tema exclusivo. O autor percorre uma Ásia em uniformização acelerada (Laos, Birmânia, Tailândia, Indonésia, Malásia...), sendo ainda assim capaz de nos dar a ver diferentes nuances, idiosincrasias e mesmo incompatibilidades (e essa é certamente outra das grandes atracções do livro). E consegue-o também por isto: porque, apesar da “uniformização acelerada”, Tiziano Terzani (1938-2004) viaja devagar. Tudo começou quando um adivinho de Hong Kong o avisou que 1993 seria o ano de todos os perigos. Estava-se ainda em 1976, e na realidade todos os perigos resumiam-se a um: o jornalista não deveria andar de avião. Passadas quase duas décadas, Terzani aproveitou a profecia e desacelerou a sua vida frenética de repórter de guerra e similares, no Vietname, no Camboja, na China (de onde acabaria expulso), na Rússia, etc. Fez-se à estrada e ao mar, e desse percurso longo nasceria “Disse-me Um Adivinho”, declaração de amor sentida a um Oriente que se desfaz a olhos vistos, libelo contra o desenvolvimento a todo o custo, confissão de um homem inquieto e por vezes angustiado. No seu longo périplo, Terzani vai conjugando curiosidade com cep-

ticismo, desconfiança com abertura de espírito. As suas recorrentes visitas a adivinhos — fio condutor da narrativa — são descritas com humor e inteligência. Nada aqui é a preto e branco. A ironia do viajante ajuda ao resto. Sobre Singapura, diz: “Um dia descobri-se que esta cidade rica e moderna é enfadonha, sem cultura e sem arte? Vai-se buscar um general ao exército e faz-se dele ministro. Ele se encarregará de dar ordens para que a cultura e as artes floresçam.” Inteligente, conhecedor, apaixonado, desencantado, Terzani dá-nos a conhecer uma Ásia que perde identidade (e alteridade) mas que ainda assim nos surpreende, pejada de xamãs, astrólogos, iogas, bruxos ou simples charlatães, tu cá tu lá com o mundo invisível e onde o próprio se liberta por momentos do seu corpo guiado por um mestre budista ex-agente da CIA. Estranhos são os caminhos abertos por um adivinho e estranhos são os caminhos dos homens.

**ANA CRISTINA LEONARDO****FRAGMENTOS DE PÍNDARO**

Friedrich

Hölderlin

Assírio &amp; Alvim,

2009, trad.,

notas e posfácio

de Bruno C.

Duarte. 96 págs., €10

**POESIA** Tradução das versões

hólderlinianas de Píndaro; surgidas

de uma obsessão pela Grécia.



OS NOVE fragmentos de Píndaro que Hölderlin traduziu entre 1803 e 1805 fazem parte de uma moldura problemática e de um percurso poético que tomam a Grécia como obsessão e, ao mesmo tempo, como missão poética. Compõem esta moldura, para além das traduções de Píndaro, o projecto de “Hiperion”, a nunca acabada tragédia “A Morte de Empédocles”, as traduções de Sófocles e muitos fragmentos filosóficos e poetológicos. Traduzindo Píndaro, Hölderlin ultrapassou o classicismo do seu tempo e assumiu o dilema de ser o último poeta grego e o primeiro poeta alemão. A

**Viagem**

Tiziano Terzani

**Disse-me Um Adivinho**

Tradução de Margarida Periquito

Tinta-da-China (598 págs.)



«A vida ofereceu-nos sempre uma boa oportunidade. O problema é sabermos reconhecê-la, o que nem sempre é fácil.

A minha, por exemplo, tinha todo o ar de ser uma maldição. “Cuidado! No ano de 1993 corres um grande risco de morrer. Nesse ano, não andes de avião. Não andes nunca”, dissera-me um adivinho. Aconteceu em Hong Kong. Encontrara aquele velho chinês por acaso. [...] Estávamos na Primavera de 1976, e 1993 parecia ainda muito distante.»